

Olhar para além da prática: relatos dos estudantes sobre as práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física por meio da análise textual discursiva

Data de submissão: 11/02/2025

Data de publicação: 20/10/2025

Valdenir Schoenberger¹

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
Juína, Mato Grosso, Brasil

Derli Juliano Neuenfeldt²

Universidade do Vale do Taquari
São Gabriel, Rio Grande do Sul, Brasil

Claudionor Cavalheiro³

Instituto Federal de Educação de Mato Grosso
Primavera do Leste Mato Grosso, Brasil

Resumo: Este estudo investiga as percepções de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental sobre as Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN) durante as aulas de Educação Física. O objetivo é compreender como essas práticas influenciam a experiência dos estudantes e suas relações com o ambiente natural. A metodologia adotada foi qualitativa e descritiva, utilizando a Técnica da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2016). A coleta de dados ocorreu entre maio e junho de 2023, por meio de questionários com questões abertas aplicados em dois encontros de discussão com um grupo de sete estudantes selecionados. Os critérios de inclusão garantiram a participação de estudantes com consentimento dos responsáveis e comprometimento com as atividades. Os resultados indicam que as PCAN proporcionam uma experiência enriquecedora, promovendo a conexão dos estudantes com a natureza e estimulando a liberdade de expressão corporal. Os estudantes relataram que essas práticas favorecem o autoconhecimento e a criatividade, destacando-se como uma alternativa valiosa em relação aos esportes convencionais. A análise dos dados revelou a importância de um ambiente seguro e respeitoso para a expressão das opiniões dos estudantes, contribuindo para um entendimento mais profundo das suas vivências.

Palavras-chave: Ensino. Educação Física. Práticas Corporais de Aventura na Natureza.

1 Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES.
E-mail: valdenir.s@universo.univates.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9260-0502>

2 Doutor em Ciências, Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES
E-mail: derlijul@univates.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5043-1800>

3 Doutor em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES
E-mail: claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2695-0103>

Looking beyond practice: student reports about bodily practices of adventure in nature in physical education classes through discursive textual analysis

Abstract: This study investigates the perceptions of students in the 9th year of Elementary School about the Body Practices of Adventure in Nature (PCAN) during Physical Education classes. The objective is to understand how these practices influence students' experience and their relationships with the natural environment. The methodology adopted was qualitative and descriptive, using the Discursive Textual Analysis Technique (ATD) proposed by Moraes and Galiazzi (2016). Data collection took place between May and June 2023, using questionnaires with open questions applied in two discussion meetings with a group of seven selected students. The inclusion criteria guaranteed the participation of students with the consent of their guardians and commitment to the activities. The results indicate that PCAN provide an enriching experience, promoting students' connection with nature and encouraging freedom of bodily expression. Students reported that these practices promote self-knowledge and creativity, standing out as a valuable alternative to conventional sports. Data analysis revealed the importance of a safe and respectful environment for expressing students' opinions, contributing to a deeper understanding of their experiences.

Keywords: Teaching. Physical education. Adventure Body Practices in Nature.

1. INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN) compreendem uma vasta gama de práticas corporais alternativas⁴ passíveis de serem desenvolvidas em diferentes ambientes naturais como: terra, água e ar. Esse movimento, que vem crescendo exponencialmente nas últimas décadas, auxiliado pelo apelo de uma integração consciente entre o ser humano e a natureza, além de uma crítica significativa aos esportes convencionais.

A falta de diversidade de movimentos é um problema comum em esportes e ginásticas convencionais. A homogeneidade dos ambientes, como as quadras de vôlei com suas medidas fixas, e a ênfase em técnicas específicas, restringem a liberdade de expressão corporal e a exploração de novas possibilidades. Além disso, o ritmo frenético e uniforme, imposto por padrões de velocidade, impede a reflexão e a adaptação aos desafios em tempo real, tornando a prática esportiva mais mecânica do que criativa (Pimentel, 2020).

Ainda de acordo com Pimentel (2020), as práticas corporais alternativas proporcionam o desenvolvimento natural de cada movimento, permitindo ao praticante vivenciar a fluidez, criatividade e espontaneidade em cada gesto realizado. Esse processo contribui para o aumento do autoconhecimento cultural, resultando em mais movimentos espontâneos e criando um mecanismo de retroalimentação.

Diversas nomenclaturas são utilizadas no âmbito acadêmico e na literatura especializada para descrever as práticas corporais realizadas na natureza, tais como: Atividades Físicas de

⁴ As práticas corporais alternativas surgiram nos anos 70, como uma crítica à educação física ocidental. Assim, as atividades físicas alternativas se caracterizam como qualquer atividade que não é comumente desenvolvida na Educação Física. Para saber mais, veja "Atividades Físicas Alternativas: práticas corporais de aventura" Scopel et al. (2020)

Exploração da Natureza (AFEN), Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), Atividades Físicas de Aventura (AFA), Práticas Corporais de Aventura (PCA), Esportes de Aventura, Atividades de Aventura, Esportes Radicais, Atividades Físicas Alternativas entre outras. Assim, ao longo deste trabalho, será mantido o termo original utilizado por cada autor citado. Porém, o termo “Práticas Corporais de Aventura na Natureza” adotado ao longo do trabalho, alinha-se à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

As PCAN englobam uma ampla gama de modalidades esportivas que podem ser vivenciadas tanto em competições quanto em atividades de turismo e ecoturismo. A versatilidade das PCAN, que combinam aventura e contato com a natureza, tornam-nas uma opção valiosa para o desenvolvimento de habilidades físicas e socioemocionais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconheceu essas potencialidades e as inseriu como objeto de conhecimento a ser trabalhado nas aulas de Educação Física (Paixão, 2017).

A BNCC estabelece as Práticas Corporais de Aventura como parte integrante do currículo de Educação Física em todos os anos do Ensino Fundamental. Essa proposta pedagógica busca desenvolver habilidades específicas em cada etapa: nos anos iniciais do Ensino Fundamental (6º e 7º anos), os estudantes exploram as práticas corporais de aventura urbana, enquanto nos anos finais (8º e 9º anos), o foco se volta para as práticas corporais de aventura na natureza. Essa progressão permite que os estudantes vivenciem experiências cada vez mais desafiadoras e complexas, ampliando suas capacidades motoras e sociais (Brasil, 2017).

Embora tímido, o movimento de inserção das PCAN no ambiente escolar vem crescendo exponencialmente ao longo dos anos. Além disso, os bons resultados obtidos durante a vivência das modalidades em alguns trabalhos acadêmicos (Alves, 2021; Caetano, 2019; Cauper, 2018; Junior, 2020; Lima, 2020; Moraes, 2020; Soares, 2017 e Tahara, 2017) reforçam a importância que estas atividades representam no cenário educacional atual.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva. Segundo Minayo (1994), essa abordagem visa a resolução de questões muito específicas, preocupando-se com um nível de realidade não quantificável e com fenômenos que não podem ser reduzidos a números. A pesquisa qualitativa se foca em significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Conforme a autora, “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 1994, p. 22).

O presente estudo adotou os preceitos éticos e legais de acordo com o que preconiza o Conselho Nacional de Saúde, regido pela Resolução nº 466/2012, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, sob número do parecer 5.919.155.

Quanto aos resultados, toda e qualquer publicação referente a esta pesquisa fundamenta-se no respeito ético à escola e a todos os participantes envolvidos no estudo. Para assegurar

o sigilo dos sujeitos pesquisados, adotou-se a designação “E1”, “E2”, “E3” e assim sucessivamente ao se referir aos estudantes participantes da pesquisa.

2.1 Coleta e análise dos dados

A coleta de dados, realizada entre os meses de maio e junho de 2023, em uma escola estadual de Mato Grosso, buscou compreender as experiências dos estudantes com as práticas corporais de aventura na natureza, vivenciadas durante as aulas de Educação Física, a partir dos relatos apresentados em dois encontros com o grupo de discussão.

O grupo de discussão é um importante mecanismo qualitativo na análise social, favorecendo uma profundidade significativa, além de desvelar mecanismos sociais ocultos. Ele possibilita uma escuta ativa, não apenas de forma teórica ou metodológica, mas também com uma postura política, afetiva e ética, tornando pesquisador e pesquisado “como sujeitos em processo, biográfica e historicamente situados, capazes de transformarem-se ao longo da trajetória percorrida” (Meinerz, 2011, p. 486).

Em cada encontro com o grupo de discussão, aplicamos um questionário com cinco questões abertas aos estudantes de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Mato Grosso. O questionário, segundo Gil (2008), pode ser compreendido

[...] como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (Gil, 2008, p.121).

Para cada um dos encontros, foram selecionados sete estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de ambos os sexos e idades similares. Os critérios de inclusão foram: assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis dos Estudantes Menores de Idade (TCLE); assinatura do Termo de Assentimento dos Estudantes Menores de Idade; disponibilidade para participação na pesquisa; frequência regular nos encontros; comprometimento com as atividades.

Para o dia marcado com o grupo de discussão, solicitamos à coordenação a retirada dos estudantes selecionados da sala de aula e sua condução até uma sala preparada especialmente para a ocasião. O pesquisador já se encontrava no local escolhido, munido do diário de campo e de um celular Samsung Galaxy A12 para registro da conversa com o grupo.

Quando os estudantes chegaram, pedimos que se sentassem em círculo, para que pudessem nos comunicar de forma mais direta e informal durante o encontro. Antes de prosseguirmos com as questões, realizamos uma fala inicial, na qual os participantes foram incentivados a expressar suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas de forma livre e espontânea, sem medo de críticas ou julgamentos. Ressaltamos que as opiniões apresentadas, deveriam refletir impressões pessoais sobre as PCAN e sua importância para a Educação Física, servindo de base para o avanço do ensino, sem ofender ou desprestigiar nenhum dos envolvidos nas atividades. As opiniões ali apresentadas deveriam permanecer naquele momento, não sendo repercutidas

posteriormente com os demais colegas no ambiente da sala de aula, para evitar a criação de animosidade. Os encontros tiveram a duração de cerca de uma hora cada.

Os dados produzidos nesta pesquisa foram analisados e discutidos à luz da Técnica da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2016). De acordo com os autores, a ATD refere-se “[...] a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (Moraes; Galiazzi, 2016, p.13).

2.2 Análise textual discursiva – ATD

A ATD fundamenta-se em uma série de produções textuais denominados corpus. Os textos podem expressar discursos sobre diferentes fenômenos, originados em um determinado tempo e contexto que podem ser lidos, descritos e interpretados de várias formas. Além da análise de textos, o corpus pode ser composto por imagens e outras expressões linguísticas, produzidos especialmente para a pesquisa ou já existindo previamente (Moraes; Galiazzi, 2016).

No primeiro grupo integram-se transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos produzidos por escrito, assim como anotações e diários diversos. O segundo grupo pode ser constituído de relatórios, publicações de variada natureza, tais como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas de diversos tipos, entre muitos outros documentos (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 39)

O material utilizado que configurou o corpus desta pesquisa compreendeu a análise da percepção dos estudantes sobre as PCAN nas aulas de Educação Física.

O processo de concretização da técnica da ATD é composto por três etapas: “[...] desmontagem dos textos, estabelecimento de relações e captação o novo emergente” (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 13). Na primeira etapa, denominada de desmontagem dos textos, o pesquisador realiza a unitarização do conjunto de materiais (textos e/ou informações) que passa por um processo de desmontagem, destacando seus elementos constituintes, com vista à obtenção de unidades integradoras, proposições ou conceitos referentes ao fenômeno pesquisado, tendo em vista que um limite final não pode ser atingido, apenas uma versão diferente do que foi apresentado até o presente momento. Da desconstrução dos textos emergem as unidades de análise, unidades de significado ou de sentido, as quais devem ser categorizadas, utilizando códigos indicadores da origem de cada unidade. Assim, o texto 1 dará origem às unidades 1.1, 1.2, etc. O documento 2 originará as unidades 2.1, 2.2, etc., e assim sucessivamente (Moraes; Galiazzi, 2016, p. 40).

Na segunda etapa, estabelecimento de relações, ocorre a categorização, que consiste na construção de relações entre a unidade base e a união dos elementos semelhantes, reorganizando-os, caracterizando-os e nomeando-os a partir de uma série de regras, por meio do retorno cíclico aos mesmos elementos. Na captação do novo emergente, terceira e última etapa, o pesquisador elabora a construção do metatextos, fase que consiste na análise e interpretação da

leitura coletiva (teorização), resultando no entendimento, descrição e interpretação do fenômeno investigado, construído ao longo dos passos anteriores.

Vale ressaltar que existem diferentes tipos de metatextos que podem ser produzidos a partir da ATD; alguns terão um cunho descritivo, mantendo-se próximo ao corpus analisado, enquanto outros adotarão uma abordagem interpretativa, objetivando um afastamento do material original no sentido de abstração (Moraes, 2003; Moraes; Galiazzi, 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, demonstramos o desenvolvimento do processo de análise vivenciado na prática, partindo da organização dos instrumentos, desmontagem dos textos, construção das categorias até a escrita do metatextos, conforme apresentado a seguir.

Na **primeira etapa** da ATD, realizamos a desmontagem e unitarização dos textos dos questionários, fragmentando-os em unidades de significado (US). Com o objetivo de garantir a organização e a análise eficiente das US, utilizamos um sistema de codificação. As questões foram identificadas pela letra maiúscula “Q”, os estudantes por “E” e as unidades empíricas por “U”. Por exemplo, o código Q1E1U1 refere-se à questão 1, respondida pelo estudante 1 na unidade 1. Essa organização permitiu uma análise mais detalhada e aprofundada dos dados, conforme a Figura 1.



Figura 1 – Códigos das Unidades de Significado

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise minuciosa e repetida dos dados coletados revelou padrões e semelhanças entre diversos trechos. Para organizar e sintetizar essas informações, utilizamos a técnica da ATD, criando “categorias iniciais” que capturam a essência de cada trecho em poucas palavras. Essa etapa de imersão nos dados é crucial para o desenvolvimento da próxima fase: a categorização. No entanto, antes de iniciar a categorização, é imprescindível que o pesquisador revise a fundamentação teórica que embasa sua pesquisa. Essa revisão permite aprofundar a compreensão do tema, questionar preconceitos, reconstruir argumentos e atribuir novos significados aos dados. Para tanto, é fundamental estabelecer um diálogo com autores, teorias e argumentos que ampliem a compreensão do tema e forneçam um arcabouço teórico sólido para a análise dos dados (Marcelino, 2012).

Considerando que nem todas as respostas apresentadas nos dois encontros com o grupo de discussão contribuíram significativamente para as discussões do artigo, apenas aquelas que se mostraram mais relevantes são apresentadas a seguir. Utilizando-se a ATD, elas foram unitarizadas, criando as unidades de análise que receberam códigos, como no exemplo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Unidade empírica e categorias iniciais

Desmontagem do corpus e organização das unidades empíricas de significado e categorias iniciais	
Unidade empírica de significado	Categorias iniciais
<p>Q1E1U1: “Nunca tive contato.”</p> <p>Q1E2U1: “Nós nunca fizemos esses esportes.”</p> <p>Q1E3U1: “Não tive contato.”</p> <p>Q1E7U1: “Nunca vimos esse conteúdo nas aulas.”</p> <p>Q1E4U1: “Eu já tive contato na minha antiga escola, no 7º Ano, quando a professora passou, explicou os conteúdos e nós fizemos uma avaliação escrita de todos os conteúdos, sobre trekking, boia cross e todo o conteúdo que o senhor está passando, só a parte teórica, não a prática.”</p> <p>Q1E5U1: “Tivemos no formato EAD, com outro professor, também explicou esse conteúdo, com o material apostilado, impresso, durante a pandemia.”</p> <p>Q1E6U1: “Já estudamos esse conteúdo durante a pandemia, de forma remota, no EAD com outro professor. O material foi disponibilizado em formato impresso.”</p>	<p>A “Não” existências das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física.</p>
<p>Q2E2U2: “Foi um conteúdo interessante de ser trabalhado, até porque tivemos a oportunidade de desenvolver algo externo, fora do que a gente já vem estudando, tipo futsal, vôlei, basquete e handebol.”</p> <p>Q2E4U2: “A gente saiu um pouco fora desse tema, esportes de quadra, e vai fazer essa coisa diferenciada, que é as práticas corporais de aventura na natureza.”</p> <p>Q2E6U2: “Achei bem legal, a possibilidade de experimentar atividades diferentes.”</p> <p>Q2E7U2: “Eu achei bem legal, a gente pode sair da sala de aula, conhecer coisas novas, novos esportes.”</p>	<p>O sentimento durante as práticas corporais de aventura na natureza.</p>
<p>Q3E1U3: “Eu achei muito interessante a inclusão dessas modalidades nas aulas de Educação Física, a turma ficou mais comprometida com as atividades.”</p> <p>Q3E2U3: “Acho que sim, alguns estudantes estão mais empenhados com essas atividades.”</p> <p>Q3E3U3: “Alguns estudantes preferem ficar em quadra do que ter alguma coisa diferente na rotina deles. Eles querem ficar presos só naquilo ali, não conhecer novas modalidades.”</p> <p>Q3E4U3: “A turma ficou bem dividida, porque vi que alguns estudantes se interessaram por esse tema, só que alguns estudantes preferiam ter aquelas aulas no modo antigo, eles preferem jogar futsal, vôlei, handebol e basquete.”</p> <p>Q3E5U3: “Eu achei interessante, sair um pouco só de quadra, quadra, quadra. Alguns colegas também estão se comprometendo com os esportes que o professor está passando.”</p> <p>Q3E7U3: “A parte que eu mais gostei foi a não competição, está ficando muito cansativo, como a colega (E5) falou, só ficarmos na quadra com os esportes de bola, os meninos só pensam em jogar bola e ganhar.”</p>	<p>Educação Física para além da quadra</p>
<p>Q4E1U4: “Foi diferente, porque ninguém sabia o ponto do outro, assim dificultava mais para o outro, o que tornava a atividade bem legal.”</p> <p>Q4E2U4: “Achei interessante porque a gente desenvolvendo um trabalho para a sala inteira participar.”</p> <p>Q4E3U4: “Foi muito legal, a gente não conhecia, e agora está conhecendo alguma coisa nova, novos conhecimentos sobre desenhos e mapas.”</p> <p>Q4E4U4: “Embora alguns estudantes não tenham gostado, eu achei bem legal a escalada, principalmente porque fizemos a prova com uma corda e um papelão.”</p> <p>Q4E5U4: “A construção dos desenhos da escola foi bem divertida, acabamos conhecendo um pouco mais de um lugar onde a gente estuda faz tempo.”</p> <p>Q4E6U4: “Foi bem divertido, a gente pode fazer coisas que foram utilizadas pela turma toda, tipo, o desenho da escola.”</p> <p>Q4E7U4: “Nunca tinha participado desse tipo de atividade, achei bem legal que o professor tenha feito isso.”</p>	<p>As práticas corporais de aventura na natureza, novas possibilidades para a Educação Física.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na segunda etapa de elaboração da ATD, categorização das unidades de significado, identificamos as categorias a partir do agrupamento dos temas que apresentavam similaridades

temáticas. Marcelino (2012, p. 101) salienta que, nesse momento, é crucial que o pesquisador tenha “o conhecimento profundo das unidades, a fim de que, cada unidade realmente esteja na devida categoria”.

Apresentamos no Quadro 2 o processo de categorização (categorias iniciais, reescrita das unidades empíricas de significado e construção das categorias finais), que deu origem a duas categorias finais: Categoria 1. Olhar para além da prática: percepções dos estudantes sobre as práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física; Categoria 2. Nas entrelinhas da Educação Física escolar: possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura na natureza.

Quadro 2 – Categorias iniciais, reescrita das unidades empíricas de significado e categoria final

Categorização das unidades de significado que tratam de assuntos semelhantes		
Categorias iniciais	Reescrita das unidades empíricas de significado	Categoria final
A “Não” existências das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física.	A percepção dos estudantes por uma maior oferta de atividades de aventura na natureza como forma de enriquecer suas experiências nas aulas de Educação Física.	Olhar para além da prática: percepções dos estudantes sobre as práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física.
O sentimento durante as práticas corporais de aventura na natureza.	As falas dos estudantes evidenciaram o impacto positivo das práticas corporais de aventura na natureza, demonstrando um claro aumento do engajamento e do interesse dos estudantes pelas aulas de Educação Física, o que sugere a necessidade de ampliar a oferta dessas atividades.	
Educação Física para além da quadra.	Embora tenham sido observadas algumas opiniões discordantes, a receptividade das práticas corporais de aventura na natureza foi, em sua maioria, bastante positiva. Os estudantes demonstraram grande apreciação pela oportunidade de vivenciar atividades físicas em contato direto com a natureza, ultrapassando os limites da quadra poliesportiva e promovendo uma experiência mais rica e completa.	Nas Entrelinhas da Educação Física escolar: possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura na natureza.
As práticas corporais de aventura na natureza, novas possibilidades para a Educação Física.	A possibilidade de assumirem o papel de protagonistas nas atividades evidencia a importância da participação ativa e colaborativa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais e a construção de um senso de comunidade.	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A terceira etapa da ATD, denominada comunicação, consiste na produção de metatextos. Nessa fase, o pesquisador transforma sua interpretação das unidades de significado em texto escrito. Para dar sustentação a essa interpretação, são incorporadas as vozes de outros autores, ou seja, as teorias que servem como base para a nossa compreensão do objeto de estudo.

3.1 Além da quadra: a natureza como palco para as práticas corporais e o olhar dos estudantes

Nesta sessão, discutimos a compreensão dos estudantes sobre o desenvolvimento das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física. Através da análise dos diálogos ocorridos nos dois encontros com um grupo de discussão, buscamos compreender a percepção que eles tiveram em relação às atividades. Os dois encontros proporcionaram um espaço para que os estudantes expressassem suas opiniões e reflexões sobre essa temática. A partir desses encontros, emergiram duas subcategorias: 3.2 Olhar para além da prática: percepções dos estudantes sobre as práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física; e 3.3 Nas Entrelinhas da Educação Física escolar: possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura na natureza.

Dada a significância das respostas para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por apresentar apenas as mais relevantes para cada uma das subcategorias, conforme apresentado a seguir.

3.2 Olhar para além da prática: percepções dos estudantes sobre as práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física

Ao iniciar o diálogo, questionamos os estudantes sobre se eles já haviam vivenciado alguma atividade que envolvesse as PCAN nas aulas de Educação Física (Questão “Q1” do quadro 1). Quatro estudantes (E1), (E2), (E3), (E7) responderam que nunca haviam tido contato com esse conteúdo, enquanto os demais (E4), (E4), (E6) apenas de forma teórica.

Em relação a primeira questão, estabelecemos um paralelo com o trabalho de Caetano (2019), em que o autor constatou que 43% dos estudantes nunca tinham se quer ouvido falar sobre as modalidades, e outros 37% dos estudantes conheciam, porém nunca haviam praticado, revelando que 80% dos estudantes participantes da pesquisa não tiveram a oportunidade de experimentar as PCA, tendo pouco ou mesmo nenhum conhecimento sobre elas. A investigação acima é reforçada pelo estudo de Lima (2020), mostrando que 85,72% dos estudantes entrevistados nunca tiveram contato com nenhuma prática corporal de aventura. Assim como nos estudos anteriores, Morais (2020) aponta que 15 dos 26 estudantes de uma turma nunca tinham ouvido falar sobre práticas corporais de aventura. Por fim, Junior (2020), mostra que 94,4% dos estudantes nunca tiveram experiências com as práticas corporais de aventura na escola. Os dados apresentados revelam que, embora a BNCC tenha sido homologada há seis anos, pouco tem sido feito para implementar as PCAN nas aulas de Educação Física. Isso demonstra a importância e a necessidade de trabalhar esse tema nas escolas.

Esse cenário mostra o desafio que a Educação Física enfrenta atualmente: por um lado, a ruptura com a hegemonia dos esportes convencionais; por outro, a inclusão das novas manifestações da cultura corporal. Além dos esportes convencionais, existe uma vasta gama de possibilidades (danças, lutas, ginásticas, PCAN, outros) ainda pouco exploradas para as aulas de Educação Física, que devem fazer parte do cotidiano escolar de forma permanente (Pimentel *et al.* 2017).

Dessa forma, as vivências proporcionadas na pesquisa foram a primeira experiência que parte significativa dos estudantes tiveram com as PCAN nas aulas de Educação Física. Por isso, questionamos: Quais foram as impressões que vocês tiveram durante as atividades envolvendo as PCAN nas aulas de Educação Física? Podemos perceber a excelente aceitação dos estudantes, uma vez que todos foram unânimes em apresentar falas positivas referentes às atividades (Questão “Q2” do Quadro 1).

Em relação à segunda questão, a compreensão dos estudantes sobre as PCAN nas aulas de Educação Física foi positiva. A ruptura com as modalidades clássicas (futsal, vôlei, handebol e basquete), pautada pelo estudante (E4) e corroborada pelo estudante (E7), demonstra que eles procuram algo além das modalidades tradicionais. As demais respostas expressaram um sentimento positivo sobre as aulas, utilizando os termos como “muito bom”, “interessante”, “bem legal”, “diferentes”, “coisas novas”. Alinhado a este entendimento, o trabalho desenvolvido por Junior (2020), constatou que 28,80% dos estudantes consideram importante a inclusão das PCA no ambiente escolar, seguidos de 21,10% para muito bom, 16,90% para ótimo, 15,50% para bom, 14,10% para interessante e 5,60% para boa ideia. Sobre a mesma ótica, Caetano (2019), durante uma entrevista, constatou emoções similares, em que um de seus estudantes ilustra a realidade da seguinte forma: “Foi muito bom porque nenhuma escola faz isso. A gente fez aqui e não tem mais em lugar nenhum. A gente nunca tinha feito” (Caetano, 2019, p. 62). Esse trecho ilustra o cenário já discutido na primeira questão, em que poucos estudantes tiveram contato com as PCAN. O sentimento de prazer que eles tiveram durante a atividade reforça essa ideia, pois demonstra que eles apreciam as atividades que não estão acostumados a fazer. Isso intensifica a importância da diversificação das atividades nas aulas de Educação Física para atender às necessidades dos estudantes.

3.3 Nas entrelinhas da Educação Física: possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura na natureza

Iniciando o segundo encontro com o grupo de discussão, questionamos os estudantes sobre o comprometimento e empenho da turma ao longo das atividades, indagando: Houve maior interesse da turma pelas aulas a partir dos esportes que compreendem as PCAN? (Questão “Q3” do quadro 1).

Em relação à terceira questão, as falas dos estudantes (E3) e (E4), indicam que uma parcela da turma resistiu às PCAN nas aulas de Educação Física. É possível, inclusive, que essa aversão se estenda a qualquer outra forma de movimento corporal que não seja o voltado aos esportes convencionais. Por outro lado, as falas dos estudantes (E1), (E2), (E5) e (E7), indicam que existe um novo olhar sobre a Educação Física a partir das PCAN. Em parte, isso se deve à introdução de uma nova gama de modalidades, que dão nova roupagem à disciplina. Em parte, isso se deve ao desenvolvimento de atividades que não exigem necessariamente um espaço previamente delimitado, como a quadra. As PCAN possibilitam apresentar um novo universo dentro das aulas de Educação Física, uma vez que “[...] possibilita-se aos estudantes a compreensão

de que a cultura corporal não se limita aos esportes tradicionais e que também é possível experienciar uma Educação Física crítica e diferenciada na escola” (Corrêa; Gonçalves, 2016, p. 6).

Por fim, buscando compreender a experiência que os estudantes tiveram na produção de materiais que foram utilizados pela turma durante as PCAN nas aulas de Educação Física, (Questão “Q4” do quadro 1).

Ao elaborar as questões da pesquisa, não queríamos apenas criar um sistema de medição. A quarta questão deixa esse ponto bem claro. Queríamos que os estudantes participassem das aulas de forma significativa, que impactassem as suas vidas, fazendo com que pudessem refletir sobre o aprendizado adquirido. Eles deveriam ser capazes de construir um produto que fosse utilizado por todos, um produto que eles planejassem, discutissem, desenvolvessem e utilizassem, e que considerassem importante para sua trajetória como estudantes e cidadãos. Sob essa ótica, Ulasowicz e Peixoto (2004) considerando

[...] que os alunos passaram a ver novos significados nas aulas e nos conteúdos trabalhados ao longo do semestre. O que antes era passatempo, momento de descanso e de recreação, passou a ter conteúdos, conhecimentos e informações que os alunos consideraram importantes e úteis à sua vida. Além disso, perceberem a possibilidade de utilizá-los e de aplicá-los nas mais diversas circunstâncias do dia-a-dia (Ulasowicz; Peixoto, 2004, p. 72)

Dessa forma, consideramos que esse ponto foi alcançado em relação à última pergunta. Observamos que os estudantes realmente se empenharam na proposta apresentada. Eles se empenharam na construção de algo utilizável nas atividades, no conhecimento detalhado dos espaços da escola, no registro de algo que era apenas observável e no prazer em conhecer algo novo para as suas vidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, realizada no período de abril a maio de 2023, investigou a percepção que um grupo de estudantes em relação às PCAN durante as aulas de Educação Física. Para tanto, foram realizados dois encontros com o grupo de discussão para coleta de dados qualitativos sobre o tema.

Os resultados indicam que, ao se envolverem ativamente no planejamento, criação e execução de materiais e atividades, os estudantes não apenas ampliaram seu conhecimento sobre o ambiente físico escolar, mas também desenvolveram habilidades sociais e um senso de comunidade. A experiência proporcionou um espaço significativo para a reflexão sobre o aprendizado, transformando a percepção dos estudantes em relação às PCAN nas aulas de Educação Física, que passaram a ser vistas como oportunidades valiosas de crescimento pessoal e coletivo, embora tenham sido identificadas algumas dificuldades relacionadas à adaptação a esse novo formato de atividade proposto. Assim, a implementação dessas práticas pode ser considerada

uma estratégia eficaz para enriquecer o currículo escolar e promover uma educação mais conectada com a realidade dos estudantes, contribuindo para sua formação como cidadãos conscientes e ativos.

Embora o processo de implementação das PCAN nas aulas de Educação Física enfrente obstáculos, é crucial reconhecer que esses desafios não devem ser um impedimento para a adoção dessas práticas pedagógicas inovadoras. A diversificação das atividades propostas é essencial para atender às necessidades e interesses de todos os estudantes, especialmente daqueles que não se identificam com as modalidades esportivas mais tradicionais. Ao ampliar o repertório de movimentos e experiências corporais, a Educação Física contribui para uma formação integral dos estudantes, promovendo o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e afetivas.

Considerando os resultados positivos das vivências com as PCAN e sua importância para o desenvolvimento integral dos estudantes, é crucial criar e desenvolver programas de formação continuada sobre o tema. Essa formação deve ir além do mecanicismo dos esportes tradicionais, focando na ruptura com a hegemonia das quadras e buscando um senso crítico de mudança. Com isso, os professores poderão explorar as PCAN com mais segurança e criatividade, diversificando o currículo e alinhando a Educação Física aos interesses dos estudantes. Aprofundar o conhecimento sobre as PCAN é essencial para que os estudantes construam uma relação mais consciente e rica com o meio ambiente e consigo mesmo.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Teresinha Abel. **Educação ambiental e as práticas corporais de aventura na natureza:** práticas pedagógicas dos professores de educação física de Petrolina (PE). 111 f. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) - Universidade de Pernambuco Campus Petrolina. Petrolina, 2021. Disponível em: https://w2files.solucaoatrio.net.br/atrio/upe-ppgfppi_upl/THESIS/150/upe_dissertao_terezinha_abel_alves_ppgfppi_20210917105813572.pdf Acesso em: 22 de dez. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit_e.pdf Acesso em 02 de mai. de 2023.

CAETANO, Leonardo Basílio. **Práticas corporais de aventura:** recurso didático-pedagógico para integração curricular em cursos do eixo tecnológico recursos naturais, na rede federal de educação profissional e tecnológica brasileira. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal Fluminense. Campos dos Goytacazes, 2019. Disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/o-iffuminense/pesquisa/pos-graduacao-stricto-sensu/mestrado-profissional-em-educacao-profissional-e-tecnologica/dissertacoes-1/praticas-corporais-de-aventura-recurso-didatico-pedagogico-para-integracao-curricular-em-cursos-do-eixo-tecnologico-recursos-naturais-na-rede-federal-de-educacao-profissional-e-tecnologica-brasileira> Acesso em: 22 de dez. de 2023.

CAUPER, Dayse Alisson Camara. **O ensino do esporte orientação na escola:** possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico superadora. 390 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/095c61a4-b15a-4080-bd55-6f8fe87de6eb> Acesso em: 22 de dez. de 2023.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna.; GONÇALVES, Mariana Barbosa. Práticas corporais de aventura na escola: uma experiência com o ensino médio. *In:* VII Congresso sul brasileiro de ciências do esporte, 8., 2016, Criciúma. **Anais [...]**. Criciúma - SC: Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2016. p. 1-19. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/paper/viewFile/8193/4488> Acesso em: 05 de jul. de 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNIOR, Edimilson Pereira e Silva. **Unidade didática para o ensino das práticas corporais de aventura no ensino médio integrado**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Sertão Pernambucano Campus Salgueiro. Salgueiro, 2020. Disponível em: Relei@ - Repositório Leituras Abertas | IFSertãoPE: Unidade didática para o ensino das práticas corporais de aventura no ensino médio integrado (ifsertao-pe.edu.br) Acesso em: 15 de mai. de 2023.

LIMA, Jean Fortes de. **Educação física escolar e educação ambiental:** o saber da experiência em uma unidade didática transdisciplinar de práticas corporais de aventura. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2020. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br/items/9bcda186-4b06-4439-8dc2-4cf1bb44b092> Acesso em: 22 de dez. de 2023.

MACHADO, Fernanda Harmitt. Mundo emocionado e as atividades físicas de aventura na natureza. *In:* SCHWARTZ, Gisele Maria. (org.) **Aventuras na natureza:** consolidando significados. Jundiaí [SP]: Fontoura Editora, 2006.

MARCELINO, Valéria de Souza. **Uma análise textual discursiva dos problemas e perspectivas do ensino de química pela ótica de seus professores de campos dos Goytacazes-RJ**. 2012. 246f. Tese (Doutorado em Ciências Naturais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Goytacazes, 2012.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16957/12914> Acesso em: 06 de jul. de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994. p. 9-29.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzjd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 de out. de 2023.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2016.

MORAIS, Gleison Gomes de. **Práticas corporais de aventura na educação física escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora**. 2020. 160 f Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) - Universidade Federal de Goiás e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP Goiânia, 03 de abr. de 2020. Disponível em: [Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia crítico-superadora \(ufg.br\)](https://www.ufg.br/praticas-corporais-de-aventura-na-educacao-fisica-escolar-uma-proposta-de-ensino-com-base-na-metodologia-critico-superadora) Acesso em: 28 de out. de 2023.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832916> Acesso em: 03 de set. de 2023.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. *et al.* Atividades alternativas na educação física escolar. **Revista Educação Física UNIFAFIBE**, Bebedouro/SP - Vol. V– set./2017. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaeducacaofisica/sumario/56/26082017125615.pdf> Acesso em: 05 de jul. de 2023.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Introdução às atividades físicas alternativas. *In*: SCOPEL, Allana Joyce Soares Gomes. *et al.* **Atividades físicas alternativas: práticas corporais de aventura**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SCOPEL, Allana Joyce Soares Gomes; CASTILLO-RETAMAL, Franklin. Navegação terrestre. *In*: SCOPEL, *et al.* **Atividade físicas alternativas: práticas corporais de aventura**. Curitiba: Intersaberes. 2020. (Série Corpo em Movimento).

SOARES, Denilson Costa. **Esporte de aventura e a educação física escolar: formação e atuação dos professores do município de nova Iguaçu**. 52 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências do Meio Ambiente). Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5385413 Acesso em: 22 de dez. de 2023.

TAHARA, Alexander Klein. **Práticas corporais de aventura: construção coletiva de um material didático digital**. 192 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_9fd3dadedebe342636b5217e15764853 Acesso em: 22 de dez. de 2023.

ULASOWICZ, Carla; PEIXOTO, João Raimundo Pereira. Conhecimentos conceituais e procedimentais na educação física escolar: a importância atribuída pelo aluno. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2004, 3(3):63-76. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1320/1017> Acesso em 10 de jul. de 2023.